

APRESENTAÇÃO

A POLÍTICA DE IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA NA E SOBRE A ARTE

**DJALMA THÜRLER,
DUDA WOYDA E
LEANDRO COLLING**

THÜRLER, Djalma; WOYDA, Duda; COLLING, Leandro. A política de Identidade: uma perspectiva crítica na e sobre a arte. Repertório. Salvador: PPGAC/UFBA, ano 27, n.41, 2025.
DOI: 10.9771/rr.v1i01.71546

A PROPOSTA DO DOSSIÊ *A política de identidade:*

uma perspectiva crítica na e sobre a arte teve o objetivo de reunir textos que pudessem problematizar as identidades em um momento em que surgem novos discursos críticos às identidades, agora produzidos por uma série de intelectuais progressistas, de esquerda e/ou liberais. Vários desses trabalhos atribuem aos estudos *queer*, decoloniais e negros uma virada essencialista que passou a ser chamada por alguns de “identitarismo”. Esse retorno ao essencialismo iria muito além do que Gayatri Spivak certa vez chamou de “essencialismo estratégico”. A proposta não foi analisar essas novas obras acadêmicas, mas refletir, dialeticamente, sobre como o campo das artes tem produzido conhecimento em torno das identidades subalternas nas últimas décadas.

Desde a década de 1970 e, na medida em que a arte se expandiu para um modelo interdisciplinar influenciada por campos que variam da filosofia à sociologia, artistas têm invocado políticas críticas de identidade para analisar sua função no campo expansivo da arte socialmente consciente. A obra de arte ou as intervenções artísticas, portanto, se tornam uma lente, colocando em foco a função da identidade na interação social como uma esfera pública. A arte ecoa, assim, a “virada subjetiva” da política de movimentos sociais e é assumida por esses/as artistas como uma disciplina de prática crítica que vem elaborando contribuições significativas para a arte crítica contemporânea.

O dossiê, portanto, pretendeu refletir sobre a utilização do pessoal (identitário) e sua relação com o político, privilegiando uma abordagem crítica e dialética à política de identidade através de uma gama de produções artísticas, bem como atitudes artísticas associadas ao campo social e cultural para quem as questões de identidade (ou a interinfluência entre conjuntos de identificações sociais e pessoais) informam uma parte significativa de sua estética e impulsionam uma investigação metodológica na criação artística.

Dos vários textos submetidos ao dossiê, a revista, por meio do seu corpo de avaliadores, selecionou sete textos que apresentam reflexões importantes em torno da nossa proposta. Os artigos analisam as interfaces entre as identidades e espetáculos teatrais, exposições e performances. Além disso, um dos textos apresenta uma dramaturgia muito atenta às discussões identitárias da atualidade. No entanto, o que se sobressai no dossiê é a sua preocupação conceitual. As chaves de leitura acionadas ou criadas pelos/as próprios/as autores/as trazem contribuições significativas para o campo das artes e para as discussões atuais em torno das identidades. Nesse sentido, pensamos que o dossiê atingiu os seus objetivos. Vejamos a seguir uma síntese de cada contribuição que sustenta o diagnóstico.

Em escritas do eu, identificações e cena teatral: os espetáculos Pequenos excessos e Greta Garbo: Quem diria? Se acabou de me amar, Alberto Ferreira da Rocha Junior analisa trechos dos dois espetáculos para evidenciar como eles provocam um tensionamento entre as vidas e identidades dos atores

e atrizes, as histórias das personagens das próprias peças encenadas e de outros espetáculos. Tudo isso gera uma interessante reflexão que o autor realiza em diálogo com os conceitos de desidentificação (José Esteban Muñoz) e de macro e micropolítica (Sueley Rolnik).

Os Teatros Feministas e a luta por democracia, de Daiane Dordete Steckert Jacobs, discute as múltiplas vertentes dos feminismos e suas reverberações nas artes cênicas, destacando como as práticas teatrais feministas se constituem em espaços de resistência, criação e afirmação democrática. O texto evidencia a consolidação do Teatro Feminista como campo de pesquisa, ensino e extensão, comprometido com a visibilidade e a representatividade de corpos e vozes historicamente subalternizadas. Dialogando com autoras como Elaine Aston, Lizbeth Goodman e Maria Brígida de Miranda, o texto propõe uma leitura interseccional e contemporânea dos feminismos, incorporando mulheres cis e trans, travestis, homens trans, pessoas transmasculinas e não binárias como agentes de transformação social. Ao situar as agendas feministas – como o direito ao corpo, à vida, à educação e à equidade – enquanto plataformas estéticas e políticas, o texto reafirma o papel dos Teatros Feministas na luta por democracia e justiça social, reposicionando o teatro como prática crítica e emancipatória.

Em Geni é bicha: dissidência queer, performatividade e disputas de sentido, o diretor de teatro Djalma Thürler realiza uma análise crítica da peça *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, com ênfase na construção dramatúrgica da personagem Geni. O autor questiona interpretações contemporâneas que a identificam como uma travesti e defende a leitura de que Genival é uma bicha afeminada e pintosa, cuja performance expressa o que Leandro Colling, Murilo Arruda e Murillo Nonato conceituaram como “perfechatividades de gênero”.

Thürler argumenta, ainda, que ver Geni em cena – seja como bicha, travesti ou mulher cisgênera – é sempre um ato de encenação, isto é, uma operação estética que reinscreve os modos de existir e de ser visto.

Em *Dramatização sobre monumentos coloniais e práticas decoloniais*, Duda Woyda parte da proposta teórico-metodológica da “desmontagem queer do monumental” e cria uma peça dramatúrgica a partir do incêndio da estátua do bandeirante Borba Gato, ocorrido em São Paulo, em 2021. A peça reproduz uma troca de mensagens entre três mulheres progressistas em um grupo de WhatsApp, em que elas discutem, discordam e se contradizem sobre o tema de retirar ou não os monumentos em homenagem aos colonizadores.

Em *Hermenêutica decolonial LGBTI+ e censuras performativas no Brasil contemporâneo*, Anderson Barretto analisa os casos de censura à exposição *Queermuseu* (2017) e à peça teatral *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* (2018). Aqui o autor defende que “a hermenêutica LGBTI+ tem como objetivo enquadrar as censuras normativas não apenas como reações moralistas, mas como parte de uma guerra epistêmica que tem o objetivo de neutralizar e silenciar toda a potência disruptiva dos corpos desobedientes da heterocisnormatividade.” Para produzir essa hermenêutica, uma série de conceitos são acionados, a exemplo de necropolítica (Achille Mbembe), performatividade de gênero (Judith Butler), desobediência epistêmica (Walter Mignolo), entre outros.

Em *Desmontagem visual de performances de combate que geram as imagens cítricas da travesti*, Marina Silvério da Silva, travesti, artista e professora de teatro no ensino fundamental, apresenta três conceitos criados por ela: “performances de combate”, “desmontagem visual” e “imagens cítricas”. Elaborados a partir de suas próprias performances, os conceitos nos oferecem uma compreensão de como a cisgeneridade afeta as subjetividades das pessoas travestis e transexuais.

Em *Pedagogias insurgentes e visibilidade dissidente: exposições fotográficas como tecnologias performativas no espaço público*, José Rodolfo Lopes da Silva apresenta o conceito de *corpoespaçotempo* como categoria analítica para articular dimensões corporais, espaciais e temporais das experiências performativas. A partir das exposições *Duo Drag*, composta por fotografias de Paulo Vitale, e *Cidade de Protesto*, composta por

fotografias de Luísa Fernandes, o autor articula o conceito com a noção de “pedagogias insurgentes” para evidenciar como as mostras afetam e transformam espectadoras/es.

Por fim, em *Da celebração e solidariedade ao pessimismo: reflexões sobre cinco exposições de artistas negros/as em museus de Nova York*, Leandro Colling analisa as mostras a partir das reflexões em torno do afro-futurismo e afro-pessimismo e sugere que essas duas chaves de leitura, em especial a segunda, podem ser problematizadas a partir da ideia de ancestralidade cara à cultura e aos estudos negros do Brasil.

Ou seja, os sete trabalhos, articulados com a proposta geral do dossiê, apresentam valiosas colaborações para pensarmos as relações entre identidades subalternas e o campo das artes.

Boa leitura!